Globethics Repository



Pedagogia Espírita [Spiritualist pedagogy]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

Item Type	Article
Authors	Incontri, Dora
Publisher	Espaço Ética Ltda.
Rights	Creative Commons Copyright (CC 2.5)
Download date	2026-11-14 20:09:34
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/233868

Pedagogia Espírita: os valores do espírito na sociedade do nada

Dora Incontri[1]

Em tempos de relações líquidas (BAUMAN, 2004), de nadificação do ser nas "máquinas desejantes" (FERRY; RENAUT, 1988), da descartabilidade dos objetos de consumo, tanto quanto da descartabilidade do humano, qualquer corrente que proponha uma vivência de espiritualidade indicará o caminho do que é eterno, permanente, essencial – e portanto invisível – para que o ser reencontre seu próprio eixo e reassuma valores mais sólidos. Para que retome sentido existencial. A solidez está justamente no atemporal, no que não se vê. Porque, como bem avisou Platão, o que vemos são sombras. E o real está fora da caverna.

Qual é, porém, a contribuição específica que o espiritismo oferece nesse roteiro de espiritualidade e educação, para que a vida reassuma um significado mais sólido diante de tudo o que se evaporou na pós-modernidade e numa sociedade em que consumir e ser consumido parece ser a única alternativa real?

O espiritismo, não tanto na acepção de movimento religioso, institucional, que assumiu no Brasil, em sincretismo com tradições católicas e outras, mas na proposta inicial de seu fundador, Allan Kardec (1804-1869),

1 Jornalista pela Cásper Líbero, mestre, doutora e pós-doutora em Filosofia da Educação pela USP, autora de mais de 30 obras sobre educação, espiritualidade, filosofia, espiritismo e infantojuvenis, coordenadora-geral da Associação Brasileira de Pedagogia Espírita, está lançando a Universidade Livre Pampédia.



é, antes de tudo, um projeto pedagógico. Ele próprio, Kardec, herdeiro de Pestalozzi e Rousseau e, mais atrás, de Comenius, foi educador na França, antes de se dedicar aos fenômenos mediúnicos, e carregou para a formulação desta filosofia forte cosmovisão educacional, que se impregna não só na interpretação da vida terrena, mas nas múltiplas vidas através da reencarnação. O peregrinar da alma por vários corpos humanos e por diferentes momentos históricos, guardando sempre sua identidade essencial, nada mais é do que um processo de educação, em que ela se eleva de vida em vida, para atingir a perfeição. Para o espiritismo, não há nem salvação, nem iluminação, mas evolução – leia-se, educação.

E esse processo de educação da alma se dá na ação livre, no ensaio e no erro, nas relações afetivas, nas experiências diversíssimas, na atuação no mundo, para que os talentos inumeráveis do espírito desabrochem e algum dia nos tornemos "deuses", lembrando a expressão de Jesus.

A perspectiva de um espiritismo entendido como educação levou no Brasil à formulação de uma Pedagogia Espírita, que vem germinando desde o início do século XX e se desdobrando em experiências e ideias, proposições e movimentos (INCONTRI, 2014). Não se trata de uma proposta de catequese do espiritismo, cujos princípios proclamam a liberdade de pensamento. Tanto que a Pedagogia Espírita trabalha com o ensino inter-religioso e a pluralidade. Mas se trata de uma proposta de educar com espiritualidade, para que o ser humano desenvolva suas potencialidades possíveis.

Para Sócrates e Platão, que o próprio Kardec considerou como precursores do espiritismo, a educação é a abertura do olho da alma (CORNFORD, 1994, p. 40). Pretende-se que o ser humano tanto descubra uma realidade transcendente ao sensível, como, ao mesmo tempo, aliás como ato concomitante, dê à luz sua essência divina, na proposta maiêutica de Sócrates. Nesse exato momento socrático é que a Pedagogia Espírita se enraíza. Educar é trazer à tona a consciência espiritual que dormita em nós, é desencadear um processo autônomo de evolução, em que o indivíduo sairá por si mesmo da caverna e, à luz do sol, enxergará o que é essencial. Os objetos que o atraíam no fundo da caverna lhe parecerão sombras fugidias – e quanto mais lhe parecerão inconsistentes, vazios e sem sentido, esses objetos tão descartáveis e na maioria das vezes desnecessários e vulgares, que lhe são oferecidos pela propaganda do consumo!

Até aí, nada que qualquer filosofia que tenha alma não possa também propor, tanto quanto o espiritismo. A questão é que o espiritismo se pretende não apenas uma forma de espiritualidade e uma filosofia espiritualista, mas quer, desde Kardec, se apoiar em evidências científicas. Isso tem causado horror às filosofias e espiritualidades irmãs (ou concorrentes), todas

elas muito ciosas de se fincarem no imponderável, no mistério, no incognoscível. Há um domínio inalcançável que o espiritismo também aceita: a ideia de Deus, sua presença em toda parte e sua transcendência de Criador de todas as coisas.

Mas o espírito humano, justamente onde se radica essa divindade que deve ser despertada pela educação, não é para o espiritismo um mistério indevassável. A sua manifestação pode ser captada pelas lentes de uma observação científica, que não tem nada de positivista, mas que pretende se arrogar como uma ciência do espírito.

Quando um médium como Chico Xavier recebe cartas de familiares mortos, cujas famílias identificam grafia, nomes e evidências de identidade (ROCHA et al., 2014); quando um médium, como fazia Luiz Gasparetto e agora fazem outros, como Florêncio Anton Reverendo, pintam quadros de olhos fechados, com o estilo de Renoir, Monet ou Rembrandt (ver <http://diariodapintura.blogspot.com.br/>) e assinam com assinaturas similares às dos autores mortos; quando crianças relembram espontaneamente vidas passadas e um pesquisador como Ian Stevenson (que não é espírita) pesquisa 2.500 casos em que essas vidas encontram respaldo em documentos verídicos, a que as crianças não poderiam ter acesso (TUCKER, 2010; STEVENSON, 2010); quando no século XIX um William Crookes (1991) fotografou diversas vezes um espírito materializado e pesquisou largamente o ectoplasma que saía da médium Florence Cook para dar uma momentânea vida a Katie King – quando esses e outros diversíssimos, antigos e contemporâneos fenômenos são observados, para o espiritismo, são evidências da preexistência e da sobrevivência da alma, antes da vida e depois da morte.

Assim, uma educação que cultive o espírito (sem desprezo pela vida e pela ação na Terra, que é cenário de experiência e aprendizado) não está

suspensa apenas a pressupostos de fé, a horizontes filosóficos, mas ancora-se numa certeza (claro que sempre com a relatividade de nossas certezas), de que realmente a vida verdadeira está fora da caverna.

A Pedagogia Espírita, fundamentada nas evidências de imortalidade que o espiritismo aceita e propõe, elege como princípios de atuação: 1) a liberdade; 2) o amor; 3) a naturalidade; 4) a igualdade com singularidade; 5) a educação ativa e 6) a educação integral.

A liberdade só é possível ao ser que se sabe transcendente. Se não formos alma, seremos totalmente nosso determinismo genético e influência do meio. Dizia Sócrates que se não formos alma, nada seremos. O ser é livre porque pode se projetar além desses condicionamentos.

O amor, que numa dimensão de eternidade não é descartável, nem líquido, nem apenas carnal, é o que nos move na educação de nós mesmos. Quando nos sentimos amados e amamos, então nos fazemos melhores. Eis



uma condição que nos preenche desse vazio que de muitos toma conta hoje com as relações líquidas e fugidias.

A naturalidade é o despojamento do artificial, do supérfluo, é a retomada de nossa essência, para uma peregrinação mais desataviada de pesos desnecessários. Isso se aplica muito a uma prática de simplicidade e de volta ao essencial, que possa nos libertar do consumismo desenfreado.

A igualdade é o fato de sermos todos originários de uma mesma fonte, peregrinos de um caminho de evolução e destinados à perfeição, mas cada qual guardando a riqueza de sua singularidade, com seu passado e sua história, seus talentos e seu futuro.

A educação é ativa, porque agindo, aprendemos, experimentamos, nos desenvolvemos e vamos adiante, ganhando virtudes e alijando enganos.

E, por fim, o projeto de educação, quando é educação de fato (e isso se refere à nossa educação como espíritos eternos e à educação das crianças e dos jovens), mobiliza todas as potências da alma e faz despontar nossas capacidades cognitivas, sociais, afetivas, estéticas e espirituais.

Esses princípios da Pedagogia Espírita tanto podem ser compreendidos como condicionantes de nossa evolução espiritual, como almas em ascensão, quanto como diretrizes para uma prática educativa mais plena de significado e autonomia para as novas gerações. Apossando-se estas de sua consciência de seres espirituais, terão mais confiança em si mesmas para agirem com esperança na melhoria do mundo e assumirem compromissos com valores humanos de fraternidade, justiça e paz.

Referências bibliográficas

BAUMAN, Z. *Amor líquido:* sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

CORNFORD, Francis McDonald. *Antes e depois de Sócrates.* São Paulo: Princípio Editora, 1994.

CROOKES, William. *Fatos espíritas.* Rio de Janeiro: FEB, 1991.

FERRY, Luc; RENAUT, Alain. *Pensamento 68.* Ensaio sobre o anti-humanismo contemporâneo. São Paulo: Ensaio, 1988. p. 260.

INCONTRI, Dora. Pedagogia Espírita: um projeto brasileiro e suas raízes. 3. ed. São Paulo: Editora Comenius, 2014.

ROCHA, Alexandre Caroli; PARANÁ, Denise; FREIRE, Elizabeth; LOTUFO NETO, Francisco; MOREIRA-ALMEIDA, Alexander. Investigating the fit and accuracy of alleged mediumistic writing: a case study of Chico Xavier's Letters. *Explore – The Journal of Science and Healing,* v. 10, n. 5, p. 300-308, sept.-oct. 2014.

STEVENSON, Ian. Fenômenos de memórias de vidas passadas: possíveis interpretações e importância. In: INCONTRI, Dora (Org.). *Educação e espiritualidade, interfaces e perspectivas.* Bragança Paulista: Editora Comenius, 2010.

TUCKER, Jim. Relatos de crianças de memórias de vidas passadas: uma revisão. In: INCONTRI, Dora (Org.). *Educação e espiritualidade, interfaces e perspectivas.* Bragança Paulista: Editora Comenius, 2010.

Imagens: www.freeimages.com e www.rgbstock.com